



IV CONGRESSO DE INOVAÇÃO E
METODOLOGIAS NO ENSINO SUPERIOR [CIM]
2018

2 a 5 de abril de 2019
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

TRABALHO COMPLETO

Eixo temático: Tecnologias digitais de informação e comunicação

Eixo temático: Articulação ensino-pesquisa-extensão

1

ESTRATÉGIAS DIGITAIS DE ARTE-EDUCAÇÃO NO CONTEXTO SÓCIO-ESPACIAL COTIDIANO

Hélio Passos Rezende

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
heliopassos@gmail.com

Ana Paula Baltazar

Universidade Federal de Minas Gerais
baltazar.ana@gmail.com

Resumo: Este ensaio descreve os pressupostos políticos, teóricos e tecnológicos que fundamentaram uma disciplina que visa introduzir estratégias digitais para arte-educação num curso de licenciatura em Artes Visuais. Para isso, apresenta de forma crítica o contexto escolarizado fundado no Estado moderno e passa então a discutir apontamentos para transformação sócio-espacial a partir das ideias de conscientização, desescolarização e desenvolvimento tecnológico a serem pautados pelos aprendizes. Tais ideias informaram as primeiras discussões com um grupo de alunos de licenciatura em Artes Visuais e a construção de proposta para uma abordagem das novas tecnologias que visa criar um processo de meta-aprendizagem para os estudantes de licenciatura e sua aproximação do cotidiano por meio das possibilidades da prática da arte-educação fora do ambiente escolar. No lugar de ensino escolarizado de Tecnologias de Informação e Comunicação, propõe-se que as tecnologias digitais sejam exploradas para criar instalações urbanas interativas, ampliando as possibilidades da comunicação com a sociedade num processo de arte-educação sócio-espacial.

Palavras-chave: Estratégias digitais. Conscientização. Desescolarização. Educação sócio-espacial. Arte-educação.



1. INTRODUÇÃO: A ESCOLA NO ESTADO MODERNO

No intuito de introduzir uma visão crítica das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no curso de licenciatura em Artes Visuais propõe-se uma discussão sobre a escola e o ensino. Parte-se da proposta de Viviane Mosé (2013) de que a arte tem sido ensinada de forma fragmentada e encapsulada numa única disciplina, em vez de ser entendida como parte de todas as disciplinas e da vida. Portanto, é importante primeiro entender a educação instaurada atualmente no dito Estado moderno.

Thamy Pogrebinski (2009) mostra como Karl Marx explicita que o Estado moderno funda-se na revolução francesa com a separação entre Estado e sociedade civil. Na Grécia antiga (uma das manifestações de Estado antigo), Estado e sociedade civil não eram separados — indivíduo e cidadão eram um só — e a vida plena do indivíduo era política. No Estado moderno cidadãos passam a não mais participar diretamente da política, ficando a mercê da democracia representativa, e o Estado claramente tem por principal objetivo proteger os capitais (ou mais precisamente a hegemonia do poder dos detentores do capital). A manutenção da hegemonia no Estado moderno é fortemente embasada pela proteção da propriedade privada e pela manutenção da divisão do trabalho, ambas contribuindo para obliterar qualquer possibilidade de coletividade cidadã, uma vez que privilegiam o indivíduo apolítico. Esse indivíduo apolítico é forjado nas escolas modernas, cujo modelo de educação oscila entre as ideias de emancipação pela razão e disciplinamento pelo controle, prevalecendo o controle para garantir a reprodução da força de trabalho necessária para a manutenção da hegemonia dos capitais.

Ainda que houvesse um ideal de liberdade de pensamento no iluminismo, a escola acaba sendo pouco voltada para um conhecimento de fato emancipatório. Mosé mostra que “há uma herança pesada para a escola que se organizou numa estrutura piramidal, hierarquizada e que fez do conhecimento algo a ser assimilado, memorizado, e não constituído, pensado de modo crítico” (FERREIRA, 2013). Ou seja, não há de fato mudança estrutural no pensamento. Para Mosé (2013) razão e sociedade se constituíram no ocidente tendo a noção de exclusão presente no processo de busca



pela verdade. “Sem citar Aristóteles, a autora lembra os quatro princípios da lógica formal e de como esta tem na ideia de identidade e do terceiro excluído noções que foram assimiladas pela sociedade, expulsando tudo aquilo que foge da normalidade” (FERREIRA, 2013). Tal normalidade não é algo natural, mas normativo, seguindo a lógica de proteção dos capitais preconizada pelo Estado moderno. Ou seja, o modo de conhecimento excludente, fragmentado e conteudista serve muito bem ao modo de produção industrial, reproduzindo indivíduos para o trabalho alienado. Tal alienação pela fragmentação é instaurada na prática cotidiana da escola e criticada por Mosé (2013) quando fala que “os conteúdos ficam tão fragmentados que levam os alunos a acreditar que estudam para os professores, para os pais, e não para si mesmos, para suas vidas”. Isso mostra que o modelo de exclusão dos indivíduos da esfera pública — exclusão da política, como diria Hannah Arendt (1998) — é reforçado pela própria escola.

A escola vem contribuindo com a reprodução e a manutenção da hegemonia social, na contramão de qualquer transformação radical. Alguns teóricos, contudo, apontam possibilidades importantes no sentido da transformação. Serão tratadas aqui as visões de Paulo Freire (FREIRE, 1983; BROWN, 1978) sobre a conscientização contra a opressão, de Ivan Illich (1976) sobre a desescolarização da sociedade, além da proposta de Seymour Papert (HAREL & PAPERT, 1991) de focar a aprendizagem (e não o ensino) e também o uso da tecnologia como estratégia para aprender fazendo. Essas propostas, que serão detalhadas no próximo item, foram trabalhadas com estudantes de licenciatura em Artes Visuais no intuito de despertar o interesse pelo uso das TICs para além da sala de aula, entendendo-as como ferramentas de produção crítica em contextos sócio-espaciais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A conscientização em Paulo Freire

Cynthia Brown (1978) retoma os princípios adotados por Paulo Freire, enfocando seus principais aspectos de conscientização sobre a distinção entre natureza e cultura e a



contextualização local. Para Freire (BROWN, 1978) é crucial que as pessoas entendam que são produtoras de cultura e que por isso podem alterá-la e não simplesmente se submeterem a ela. Isso é fundamental para que o próprio processo de alfabetização faça sentido para além de mera instrumentalização. Freire solicitou ao amigo artista Francisco Brennand a produção de dez gravuras em slides que eram projetados nas reuniões iniciais do processo de alfabetização provocando os analfabetos a nomearem as distinções que são suas conhecidas, mas não refletidas.

A primeira imagem ... começa por explicitar uma distinção inicial entre cultura e natureza, enquanto as imagens subsequentes têm por intuito destacar várias sutilezas da distinção, tais como: a diferença entre o homem e outros animais, sendo do homem as capacidades de produzir cultura e de comunicação ...; natureza transformada em cultura pelo trabalho humano ...; comunicações como cultura ...; e padrões de comportamento e tradições culturais. ... A imagem final ... desafia o grupo a analisar seu próprio comportamento — a mais distinta capacidade das pessoas. (BROWN, 1978).

Segundo Brown (1978) as discussões em torno de cada imagem são conduzidas pelo mediador, visando a conscientização dos participantes de que são produtores de cultura; da necessidade das relações entre humanos serem pautadas por comunicação dialógica entre iguais e não impositiva; da implicação da educação para o desenvolvimento tecnológico; da capacidade humana de produzir ferramentas, associada a instinto, inteligência, liberdade e educação; do valor de todos os indivíduos como produtores de cultura, seja pela produção material ou intelectual, seja pelo uso que dão aos produtos; da possibilidade de registrar pela escrita o que já conhecem pela cultura oral; de que padrões de comportamento e tradições são originalmente forjados em resposta a necessidades do contexto local; e finalmente, discutem o que seria a democratização da cultura para além das imposições de fora, mas partindo do entendimento de como o grupo se vê e o que produz.

Fica claro na proposta do círculo de cultura proposto por Freire que o princípio de consciência político-cultural está atrelado ao entendimento do grupo como sendo sócio-



espacial (com hífen, conforme reforçado por Marcelo Lopes de Souza (2013)), ou seja, “um grupo de pessoas que se relacionam entre si num espaço, sendo esse espaço constitutivo do grupo e, inversamente, constituído por ele” (KAPP, 2018).

Assim, Freire aposta na possibilidade de transformação sócio-espacial pela educação, tendo no horizonte justiça social e liberdade.

2.2. A desescolarização em Ivan Illich

Em 1975 houve um debate entre Paulo Freire e Ivan Illich (FREIRE & ILLICH, 2013) sobre a escola e o ensino. Um dos pontos principais da discussão é que Freire aposta em pequenos passos assumidos por cada um e ao mesmo tempo numa estratégia planejada de justiça e luta social, sem associar a escola com a reprodução das práticas de manutenção social. (SILVA, 2015).

Illich situa essa “esquisofrenia” como algo alimentado pelos interesses daqueles que estão no poder; eles alimentam essa ideia de que é possível construir, especialmente por meio da escolarização, a Justiça Social e a Liberdade; trata-se, na verdade, de um ritual e um mito que não resistem a uma análise cuidadosa dos dados. (SILVA, 2015).

Illich reproduz essa crítica apostando na desescolarização da sociedade (ILLICH, 1976). Para Illich a escola é uma ferramenta (ILLICH, 1973) que ultrapassa o limite tecnológico de ferramenta de convivência, tornando-se ferramenta de manipulação que reforça o modo de produção industrial e a educação como mercadoria. Isso aponta que o problema não é apenas a educação, mas a instituição escola no Estado moderno, conforme já mencionado acima. Para Illich a escola não tem nenhum potencial de transformação social por se enquadrar no que ele chama de contraproduzitividade, tendo ultrapassado o limite de intervenção tecnológica que mantém possível a relação dialética entre o indivíduo, o grupo e o meio ambiente.

Caso se assuma o pressuposto da não limitação do desenvolvimento tecnológico, o potencial de luta contra a transformação é colocado a serviço do poder tecnológico, dos interesses que mantém a sociedade. Nesse caso, não



importa se a escola está em uma sociedade Socialista ou Capitalista, ela possui as mesmas limitações, as quais não se resolvem apenas com a mudança “no dono dos instrumentos”, mas dos próprios instrumentos, visto que os interesses estabelecidos quando da configuração dos instrumentos estão inseridos nos mesmos. (SILVA, 2015).

Illich argumenta contra a reprodução das relações sociais que ele vê como inevitável na instituição Escola, que nada mais é que uma ferramenta tecnológica forjada para manter a hegemonia do Estado moderno, separado da sociedade civil, tendo por pressuposto proteger os capitais. Por isso a desescolarização da sociedade aparece em Illich como tema central, visando estabelecer limites para o desenvolvimento tecnológico em contextos locais (que podem ser entendidos como sendo sócio-espaciais) por meio de uma proposta revolucionária, que em muito se assemelha à proposta de conscientização de Freire. Ainda que Freire aposte na escola e na educação, o que importa aqui é a conscientização, ou seja, "o quê" está sendo proposto, não as instituições. A desescolarização proposta por Illich não contradiz a viabilidade da conscientização proposta por Freire, sendo a combinação de ambas uma possibilidade para a crítica à escola e à educação fundadas no Estado moderno, trazendo de volta a possibilidade de convivência em vez de reforçar a manipulação capitalista.

2.3. A tecnologia em Seymour Papert

A tecnologia em si não é o problema, se pensarmos na desescolarização com limite de escala de desenvolvimento tecnológico proposta por Illich e na conscientização proposta por Freire. Para Seymour Papert (HAREL & PAPERT, 2013) “a tecnologia deveria ser um instrumento para alcançar uma forma de educação menos técnica”. Como Freire faz no construtivismo, Papert (HAREL & PAPERT, 2013) propõe o construcionismo como uma teoria do aprendizado que preconiza a importância do contexto e da auto-consciência. Isso pode ser alcançado pela construção de uma entidade pública para atividades de aprendizado e pela construção de estruturas de conhecimento, sendo crucial para tal o aporte tecnológico. (FREIRE & PAPERT, 1995).



Um dos pontos centrais da proposta de Papert é a *matética*, ou seja, a arte de aprender, em contraponto à arte de ensinar (didática). Segundo Sherry Turkle (HAREL & PAPERT, 2013) esse aprendizado é pautado pela prática (*learning-by-making*) e deriva de duas ideias principais: a *bricolage* como estratégia para os estudantes conduzirem seu rumo por meio do desenvolvimento dos próprios trabalhos em vez de estabelecerem previamente uma solução final a ser atingida; e proximidade dos objetos, ou seja, o aprendizado orientado ao objeto, que demanda envolvimento direto com os objetos ou temas trabalhados.

A pergunta que norteia a proposta apresentada neste ensaio é pela possibilidade de lidar com um processo de aprendizado pela prática no curso de licenciatura em Artes Visuais com inclusão de TICs, vislumbrando a transformação sócio-espacial sem perder de vista a conscientização, proposta por Freire, e a crítica à escola e o limite do desenvolvimento tecnológico para que haja desenvolvimento político, propostos por Illich.

3. DESCONSTRUINDO AS TICS NA ARTE-EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA

Este ensaio aborda a ementa da disciplina *TICs, Arte e Educação*, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), que enfoca o uso de ferramentas digitais para desenvolvimento de material didático e de comunicação no ensino de artes, mas aponta também a possibilidade de discutir o papel do docente no contexto contemporâneo pautado pelo digital.

O ensino e as atividades didáticas assistidas por computador. Desenvolvimento de materiais didáticos para ensino aprendizagem utilizando ferramentas de autoria. Ferramentas de comunicação e interação síncronas e assíncronas (videoconferência, fóruns, chats, e-mails) via web. O novo papel do docente e do discente no contexto do ensino baseado em tecnologias da informação e comunicação. (Ementa da disciplina de 60 horas ARTS01085 — TICS, ARTE E EDUCAÇÃO).



IV CONGRESSO DE INOVAÇÃO E METODOLOGIAS NO ENSINO SUPERIOR [CIM]

2 a 5 de abril de 2019
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

Por se tratar de um curso de licenciatura, a disciplina tem por pressuposto ensinar os futuros professores a usarem ferramentas digitais com seus alunos. O primeiro ponto questionado com os estudantes de licenciatura foi o fetiche da tecnologia, apontando a necessidade de discussão sobre o ensino fundado no Estado moderno e as possibilidades de sua superação com o uso das TICs como ferramentas para o processo de conscientização pela arte no contexto sócio-espaçial.

Um primeiro passo para pensar as TICs como tais ferramentas foi a leitura do texto *Animação Cultural* (FLUSSER, 1998) que discute a dominação que os objetos exercem sobre os homens, sendo que os homens acreditam que dominam os objetos. Os estudantes passaram então a questionar a lógica de ensino escolar, nos moldes da educação bancária já criticada por Freire (1983). Assim, foram colocados em xeque tanto o método convencional (que prevê a transferência de conhecimento e não uma construção coletiva), quanto a arte-educação que os licenciados irão reproduzir em suas práticas depois de formados (que tende a considerar apenas a educação formal, ou seja, as poucas horas de aula de arte previstas nos currículos fragmentados dos ensinos fundamental e médio).

No intuito de sensibilizar os estudantes de licenciatura em artes para tais questões, recorreu-se a um trecho fundamental do livro *Sociedades sem escolas* (ILLICH, 1976) sobre o potencial revolucionário da desescolarização. Esse trecho aponta a ilusão da escola como possibilidade revolucionária ou libertadora, e mostra como é apenas mais uma instituição, ao lado da família e da religião, a submeter indivíduos e grupos à instrumentalização para manutenção da lógica industrial. A desescolarização, por outro lado, seria a possibilidade de caminhar na direção de uma proposta real de aprendizagem, com consciência crítica, eventualmente promovendo uma transformação econômica de fato.

O texto teve um efeito bastante forte nos estudantes, que começaram a se questionar pela primeira vez sobre a escola (e alguns também sobre a família e a religião) como ferramenta de dominação e reprodução dos indivíduos para o mercado de trabalho. Somado a isso, veio também a reflexão sobre o lugar dos cidadãos comuns na arte.



A história da arte excluiu a sensibilidade estética de indígenas, negros, mulheres e tantos outros queers. É parte das narrativas produzidas pela distinção entre Nós e um vasto Eles, linha divisora moderna que separou ciência e crença, sujeito e objeto, arte e artefato. (MARQUEZ, 2017).

A leitura do texto de Renata Marquez (2017) aponta a naturalização de instituições como os museus, por exemplo, como lugares inquestionáveis para mostrar arte e cultura. Esse mesmo texto narra o estranhamento de Davi Kopenawa, indígena Yanomami, no Museu do Homem, em Paris, observando a caricaturização e objetificação do cotidiano de seu povo. O que chama a atenção é que para a maioria dos visitantes, escolarizados na lógica descrita acima, faz sentido a museificação do cotidiano de um povo, enquanto para os indígenas isso é simplesmente impensável.

As discussões levantadas acima foram trazidas como balizas para repensar o uso das TICs no contexto da licenciatura em Artes Visuais. Houve uma problematização importante sobre as TICs visando explorar seu potencial de ferramenta de comunicação de massa para promover a conscientização para além da sala de aula. Isso levou à integração do potencial da extensão universitária ao ensino, uma vez que a proposta da disciplina passou a ser não mais ensinar TICs como recurso didático para reprodução de ensino bancário, mas construir coletivamente o aprendizado crítico dos estudantes de licenciatura tendo como objeto de ensino não mais a sala de aula, mas o contexto sócio-espacial. Mais uma vez recorre-se a Freire (1993), para discutir a extensão universitária como instrumento de comunicação social e não como meio para levar o conhecimento cristalizado na universidade para a sociedade. Assim, a proposta foi delineada com intuito de sair da sala de aula e experimentar com a realidade sócio-espacial concreta, levantando informações e propondo intervenções artísticas interativas.

4. CONSIDERAÇÕES PARA UMA META-ABORDAGEM DE ARTE-EDUCAÇÃO DIGITAL

A disciplina objeto deste ensaio aconteceu na UNIFESSPA no segundo semestre de



IV CONGRESSO DE INOVAÇÃO E METODOLOGIAS NO ENSINO SUPERIOR [CIM]

2 a 5 de abril de 2019
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

2017, ofertada para oito alunos pelo autor, com participação da co-autora, sendo embasada pela fundamentação política, teórica e tecnológica apresentada acima. Foi construída com os estudantes uma dinâmica para fechamento da disciplina que questionava o uso das TICs apenas como recurso didático e passava a incorporá-las como recurso para desescolarização da arte-educação.

A proposta começou pelas referências teóricas discutidas, que incluíam principalmente Seymour Papert (uso da tecnologia como estratégia no processo de produção e foco no aprendizado e não no ensino), Paulo Freire (conscientização) e Ivan Illich (desescolarização), chegando ao deslocamento da prática de ensino bancário para uma prática de arte-educação política no contexto cotidiano, chamada de arte-educação sócio-espacial. No lugar de aprender a usar ferramentas digitais para que sejam reproduzidas em sala de aula num suposto ensino de arte, os estudantes de licenciatura decidiram propor intervenções urbanas interativas que, por meio da arte, ampliassem o imaginário dos moradores da cidade acerca de questões culturais que precisam ser problematizadas.

As leituras informaram um deslocamento do pensamento escolarizado, possibilitando ampliar a prática pedagógica para além da sala de aula. Para isso, o primeiro passo foi pensar a cultura local de Marabá, entendendo os moradores como produtores dessa cultura, e sistematizar o que poderia ser problematizado por meio de uma intervenção artística. Os estudantes de licenciatura, então, definiram como tema a ser abordado o mito da segurança (mais especificamente da falta de segurança) e o abandono de uma tradição local muito antiga em que os moradores colocam as cadeiras na rua depois do pôr do sol, quando o calor está menos rigoroso, para socialização. Essa prática vem sendo cada vez menos frequente, principalmente nos bairros de classe média, sendo ainda minimamente preservada nos bairros mais pobres. O argumento da segurança é o principal fator para inibir essa cultura de socialização local.

A partir da definição do tema, passaram então a imaginar uma estratégia de registro de tal recorte para provocação do imaginário da população local e definiram como espaço para intervir a praça Duque de Caxias na chamada Marabá Pioneira, especialmente o tapume na fachada do Palacete Augusto Dias, Museu Histórico de Marabá, um dos



prédios mais antigos da cidade, em processo de reforma, inacabado e sem uso há anos. Os estudantes propuseram uma intervenção visando catalisar possibilidades de diálogo entre os moradores, tendo por princípio a ideia de não induzir os moradores a interpretações fechadas (escapando da lógica de codificação de mensagens para decodificação pelos moradores) e buscando ampliar o imaginário dos moradores de forma indeterminada, conforme proposto por Baltazar et al (2015; 2019). A proposta final foi de uma intervenção interativa com projeção de imagens das famílias que ainda colocam suas cadeiras na rua para “tomar a fresca”, acompanhada de áudio com depoimentos dos moradores sobre a tradição e o motivo de sua perda paulatina. A passagem dos moradores em frente à projeção atuariam diferentes depoimentos e inseriria a silhueta de suas sombras na imagem projetada, que seria trocada num determinado intervalo de tempo. Isso aponta claramente para uma inversão no convencional uso das TICs no ensino, passando a ser encaradas como interfaces que lidam com o contexto sócio-espacial, trazendo a sociedade para dialogar entre si e com propostas não prescritivas.

Para Evandson Paiva Ferreira (2013) a questão-chave colocada por Mosé (2013) é se "ainda é possível uma escola pensada e organizada nos moldes da sociedade industrial", considerando que vivemos atualmente "num mundo em que as pessoas e instituições se organizam em rede, que a tecnologia possibilita o acesso ao universo do conhecimento acumulado pela humanidade". A proposta dos estudantes de licenciatura aponta a possibilidade de superação desse modelo escolarizado no ensino de artes e a consideração das novas tecnologias não como ferramentas técnicas, mas como recursos para o aprendizado pela prática, visando articular a conscientização do grupo sócio-espacial alvo da ação proposta.

A exemplo da proposta de Freire de conscientização por meio do círculo de cultura, a abordagem aqui apresentada iniciou um processo de conscientização sócio-espacial entre os estudantes de licenciatura, pretendendo também estender tal processo para a comunidade local de forma dialógica. A caminho de uma postura tecnopolítica de arte-educação, propõe-se uma meta-abordagem. No lugar de ensinar ferramentas digitais para sua replicação, propõe-se que os estudantes de licenciatura usem ferramentas



digitais para criação de intervenções interativas na cidade, ampliando o alcance político da arte e da educação pela arte. Assim, amplia-se o imaginário dos estudantes de licenciatura e, ao mesmo tempo, introduz-se a abordagem da arte no contexto sócio-espacial cotidiano, com vistas à sua própria transformação pelos diretamente envolvidos, trazendo a abordagem da comunicação, de que fala Freire (1993), em vez da mera extensão para a sociedade do conhecimento produzido e cristalizado no contexto universitário.

Conclui-se que a crítica da educação forjada no Estado moderno, juntamente com as discussões sobre conscientização, desescolarização e uso das tecnologias como ferramentas para aprender fazendo, foram cruciais para mobilizar o imaginário dos estudantes na direção de discutir a possibilidade do ensino de arte para além da escola, como uma atividade extensionista de viés comunicativo. Ainda que a intervenção urbana interativa não tenha sido executada, foi fundamental como exercício de construção de autonomia para os estudantes lidarem com futuros usos das TICs em seus processos de arte-educação.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **The human condition**. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BALTAZAR, Ana Paula; CABRAL FILHO, José dos Santos; STRALEN, Mateus; ARRUDA, Guilherme. Estrutura cibernética para aprendizagem: o caso do Ateliê Integrado de Arquitetura. **I Congresso de inovação e metodologias de ensino — GIZ UFMG**. 14 a 16 de outubro de 2015.
- BALTAZAR, Ana; ARRUDA, Guilherme; CABRAL FILHO, José; MELGAÇO, Lorena; ALMEIDA, Marcela. Dialogue with interfaces: beyond the visual towards socio-spatial engagement. In: Anna Ursyn (ed.). **Interface support for creativity, productivity, and expression in computer graphics**. Pennsylvania: IGI Global, 2019. pp. 129–148.
- BROWN, Cynthia. **Literacy in 30 hours: Paulo Freire's process in northeast Brazil**. Chicago: Alternative Schools Network, 1978.
- FERREIRA, Evandson Paiva. [Resenha] Mosé, V. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 336 p. **Polyphonia**, 24(1), jan-jun, 2013, p. 223–232.
- FLUSSER, Vilém. Animação cultural. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 143–147.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. [1ª edição, 1969].
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983



IV CONGRESSO DE INOVAÇÃO E METODOLOGIAS NO ENSINO SUPERIOR [CIM] 2018

2 a 5 de abril de 2019
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

[Manuscrito de 1968; 1ª edição, 1974].

FREIRE, Paulo & ILLICH, Ivan. **La educación: una autocrítica**, 2013 [Versão comentada do seminário sobre conscientização e desescolarização publicado originalmente como Dialogo Paulo Freire-Ivan Illich (1975). Buenos Aires/Argentina: Ediciones Busqueda].

FREIRE, Paulo & PAPERT, Seymour. Um Encontro Inesquecível entre Paulo Freire e Seymour Papert. TV PUC-SP. Novembro de 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnVCyL9BwS8>

HAREL, Idit & PAPERT, Seymour (eds.) **Constructionism: Research reports and essays**, 1985-1990. Santa Barbara: Praeger, 1991.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1976. [1ª edição, 1970].

ILLICH, Ivan. **Tools for conviviality**, 1973. Disponível em:

http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/3a_aula/illich_tools_for_conviviality.pdf

KAPP, Silke. Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional, 20(2), 2018, p. 221–236.

MARQUEZ, Renata. Davi no museu. **PISEAGRAMA**. Belo Horizonte, 11, 2017, p.02–11.

MOSÉ, Viviane. **A Escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

POGREBINSCHI, Thamy. **O enigma do político: Marx contra a política moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Gildemarks Costa e. A polêmica Paulo Freire e Ivan Illich: Notas sobre educação e transformação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. 24, maio-out, 2015, p. 102–120.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os Conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.